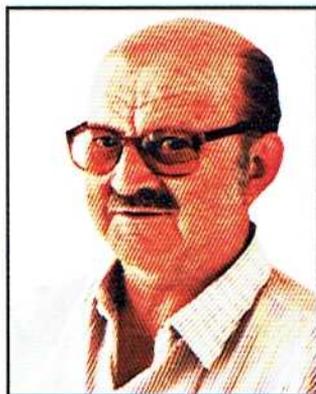




Comunidade Salesiana de Santa Teresa Corumbá-MS

Caríssimos irmãos,
Com tristeza comunico o falecimento do nosso irmão



★ 28/02/1931
† 8/02/2009

ME. RUDOLF NEUTZNER

Passaram-se três anos e meio do dia em que o Me. Rodolfo foi para a Casa do Pai. Faleceu no dia 8 de fevereiro de 2009, em Campo Grande, para onde fora levado, a fim de tratar da saúde debilitada.

Na missa de corpo presente, reunidos no pátio da Casa Inspetorial, em Campo Grande, D. Eduardo Pinheiro, Bispo Auxiliar de Campo Grande, um grupo de salesianos e membros da Família Salesiana agradeceram a Deus a vocação e a vida do salesiano coadjutor Rodolfo Neutzner e rezavam pelo seu descanso eterno.

Últimos Meses

Em setembro de 2008, Me. Rodolfo foi encaminhado para Campo Grande pelo diretor do Colégio Santa Teresa, Pe. Arlindo Pereira, para tratamento da saúde. Me. Rodolfo apresentava insuficiência respiratória e pernas e pés muito inchados. Assim que chegou à Casa Inspetorial, foi atendido pelo Dr. Fernando Vasconcelos, que o examinou e prescreveu os medicamentos que

deveria tomar. Depois de alguns dias, observou-se que não houve sinais de melhora nos sintomas apresentados, e ele foi internado para que pudesse ser acompanhado mais de perto pelos médicos do Hospital Miguel Couto e realizar exames mais específicos. Aí permaneceu por uma semana em observação.

De acordo com o relato de alguns enfermeiros e médicos que tratavam dele, Me. Rodolfo, com seu temperamento fechado, mostrava-se bastante inquieto. Não colaborava muito com os médicos. Demonstrava certa resistência ao tratamento. Segundo o diagnóstico dos médicos, portava erisipela crônica nas pernas e fibrose pulmonar. Durante o período em que permaneceu no hospital, chegou a melhorar o inchaço das pernas e outros sintomas, mas provisoriamente.

Os médicos, então, deram-lhe alta e autorizaram seu retorno à sede inspetorial. Uma equipe de enfermagem sob a orientação da fisioterapeuta, Dr^a. Andréia, acompanhou o tratamento de Me. Rodolfo. A equipe estava preparada para lhe dar atenção, carinho e todos os cuidados necessários, apesar de seu difícil temperamento. Devido à natureza de seu problema de saúde, Me. Rodolfo deveria seguir uma dieta mais restrita na alimentação. Precisava perder peso, para melhor mobilidade das pernas fragilizadas pelo peso excessivo e má circulação sanguínea.

O médico acentuou a necessidade urgente da perda de peso para que a saúde fosse favorecida. Nesse ponto, Me. Rodolfo colaborou. Chegou a perder 15 quilos. O quadro geral da saúde de Me. Rodolfo foi melhorando gradativamente. Já conseguia expressar-se melhor, conversava com os salesianos e com a fisioterapeuta. Às vezes, lentamente, caminhava para o refeitório e fazia as refeições com os salesianos.

Embora apresentasse essa melhora aparente, continuava a queixar-se da dificuldade para respirar, apesar das medicações e da fisioterapia. O quadro piorou. Voltou o inchaço nas pernas. Retornou ao repouso absoluto com medicamentos, sob a orientação de um angiologista. Ficou assim uma semana. Quando voltou ao consultório médico, no dia 29 de dezembro, não se sentiu bem. Foi internado, pela segunda vez, em outro hospital, na Clínica Campo Grande. Passados dez dias, precisou submeter-se a uma cirurgia para remover uma dobra no intestino (cólon transversal). No final de janeiro, realizou uma traqueostomia (um procedimento cirúrgico no pescoço que estabelece um orifício artificial na traqueia) para melhorar a respiração, pois seus brônquios estavam muito congestionados. Do quarto, foi levado para a

UTI, onde permaneceu até o dia de sua morte, 8 de fevereiro de 2009.

Sua história e sua vocação

Depois do sepultamento de Me. Rodolfo, junto com um irmão salesiano da comunidade Santa Teresa, entrei em seu quarto para retirar alguns pertences e enviá-los ao arquivo da Casa Inspetorial. Os objetos e a arrumação do quarto revelavam alguns aspectos de sua personalidade. Encontramos várias caixas de ferramentas, com material elétrico, tubos, colas, chaves de fenda, alicates, martelos, serrotes. Material itinerante que carregava para realizar seus trabalhos. Abrimos outra caixa, onde encontramos material que utilizava em viagens, desde spray para matar mosquitos até um pequeno fogão para cozinhar. Costumava trazer e receber da Alemanha materiais diversos, coisas que muitas vezes nem usava, mas fazia questão de guardar com o maior cuidado. Seu quarto parecia uma oficina ambulante. Recolhi daí alguns álbuns comentados da vida nas missões onde trabalhou; fotos de belezas raras, acompanhadas de comentários simples, outros mais profundos relacionados a aspectos religiosos e aos missionários. Esse modo típico de fazer do próprio quarto um lugar de segurança material estava ligado à sua história de sofrimentos e incertezas na Alemanha.

Me. Rodolfo viveu as intempéries e as angústias da II Guerra Mundial na Alemanha. Esse fato fez com que assumisse uma postura de máxima precaução, nas situações mais triviais. Desenvolveu o hábito de se proteger, cuidar-se, de estar preparado para qualquer eventualidade, desde falta de energia, de água ou de comida. O quarto organizado como uma base de segurança, fala um pouco desse nosso irmão que, ainda jovem, deixou sua pátria para trabalhar como missionário em Mato Grosso. Me. Rodolfo sofreu as consequências psicológicas da guerra, sobretudo da morte do pai e das atrocidades que escutava sobre as execuções; era apenas um menino. Além disso, teve dificuldades de relacionamento com a mãe. Esse somatório de problemas, talvez, tenha influenciado para tornar seu temperamento desconfiado e fechado.

Para entrarmos um pouco mais em seu universo interior, é importante compreender o seu passado, o drama e as barbaridades da guerra que presenciou ainda como adolescente, em seu país natal, a Alemanha.

O pai de Me. Rodolfo esteve mais diretamente envolvido

nesse episódio triste da História Universal, assim como aconteceu com todos os homens recrutados por Adolf Hitler. A Alemanha estava com várias frentes de Guerra na Europa, sobretudo na União Soviética, Checoslováquia, França e países dos Balcãs. Com o esfacelamento do exército Alemão e a derrota de Hitler, os alemães que estavam servindo o exército em outros países tiveram que retornar à Alemanha. As consequências foram graves: a nação sucumbiu e mergulhou em profunda miséria, e seus habitantes caíram em depressão psicológica. Com a reação dos soviéticos, a Alemanha enfraquecia, faltava comida, e pessoas de 16 a 60 anos eram recrutadas e apresentadas para os comandantes russos que, como revanche, as enviava para as minas de carvão na Silésia. Em maio de 1944, o comando russo ordenou o recrutamento dos alemães. Estes permaneceram aglomerados nas salas de aula das escolas. Todos tinham que servir o exército, exceto pessoas com algum defeito físico. As despedidas eram profundamente dolorosas para as famílias, que tinham pouca esperança de verem seus entes queridos retornarem com vida.

Stalin determinou que a Alemanha deveria tornar-se um país de agricultura e ser destruído todo o seu potencial militar. Chamou para a Alemanha os alemães que viviam na Checoslováquia. Os Alemães eram agora donos de nada. Para muitas famílias, a alimentação consistia em chá preto com um pedaço de pão pela manhã, macarronada no almoço e uma sopa no jantar. Todos desenvolveram o espírito de sobrevivência e estavam preparados para o sacrifício. A saga da fome atingia profundamente a vida das famílias. Buscavam-se desesperadamente alimentos como carne defumada e salame. Ninguém plantava neste período, pois a maioria das pessoas estava na Guerra.

O futuro da Alemanha e da Europa caiu em descrédito. O problema do mercado econômico era grave e sem perspectivas. A Europa perdeu milhões de pessoas na Guerra e estava destruída. Com a República Federal da Alemanha e o plano Marshall, surgiam algumas esperanças de melhoria. Mas o país passava por uma crise profunda.

A família Neutzner viveu esse mesmo drama que as famílias alemãs experimentaram - destruição e pouquíssima esperança de um futuro seguro. Me. Rodolfo deve ter vivido esta tragédia e certamente se questionava sobre o que gostaria de fazer de sua vida. Era comum nas escolas alemãs, os estudantes da oitava série responderem a um questionário que continha uma pergunta que Me.

Rodolfo certamente teve que enfrentar: o que você quer fazer de sua vida? Diante daquele panorama de destruição e fragilidade da nação e da família, Me. Rodolfo sonhava ser missionário no Brasil. Ofereceu-se para vir para as Missões. Pe. José Winkler, que foi inspetor dele e o conheceu bem, diz que “certamente as consequências da guerra motivaram Me. Rodolfo em sua escolha vocacional e sua decisão de ser missionário no Brasil”.

Naquele tempo, o Boletim Salesiano, chegava a algumas paróquias na Alemanha. Neste havia uma página que convidava jovens adultos para serem salesianos missionários. Um dos Boletins pedia ajuda para reconstruir o noviciado que tinha sido incendiado. Um desses boletins deve ter caído nas mãos do Me. Rodolfo, que acabou vindo para o Brasil.

Sua vida e trabalho

Mestre Rodolfo entrou para o Noviciado em Endesforf (Alemanha) em 15 de agosto de 1959. Fez sua primeira Profissão Religiosa em 15 de agosto de 1960. Depois da primeira profissão, veio para o Brasil como missionário, chegando aqui em 31 de outubro de 1960. A sua profissão perpétua aconteceu em Araçatuba, em 15 de agosto de 1967. Viveu sua vida religiosa trabalhando em várias casas salesianas. Nessas casas, sempre exerceu a função de pintor e factótum. Passou um ano em Lucélia ajudando nas atividades de consertos de parte elétrica, alguns trabalhos de reformas e pinturas. Em janeiro de 1962, foi transferido para Meruri, realizando seu sonho de ser missionário. Em contato com um povo e cultura muito diferentes da que havia vivido em outros lugares, sobretudo na sua Alemanha, teve que se empenhar para se adaptar à nova comunidade de missionários e estar aberto para receber a cultura do povo bororo. Ficou apenas dois anos em Meruri, sendo transferido em seguida para Lucélia, em 1964, onde foi trabalhar como pintor. Não sabemos os motivos que levaram mestre Rodolfo a retornar para a região paulista, uma vez que queria mesmo era dedicar-se ao trabalho missionário.

Um ano depois, em 1965, Mestre Rodolfo foi para o São Gonçalo, em Cuiabá, com o encargo de pintor. Em 1966, retornou novamente para aquela região, indo trabalhar em Araçatuba. Dois anos depois, janeiro de 1968, foi para Lins, ficando até dezembro de 1969, sendo transferido para Poxoréu, em 1970. Em 1971, foi para o Alto Araguaia e, em 1972, recebeu obediência para Meruri, onde ficou até

1978.

Devido a seu temperamento fechado e seu estilo de vida mais circunspeto, Me. Rodolfo certamente teria enfrentado algumas dificuldades para adaptar-se ao ritmo normal de trabalho de algumas comunidades. Mesmo assim, era sempre fiel à vida de oração, à participação nas refeições com os salesianos e às práticas de piedade da comunidade. Humildemente fazia os serviços de manutenção, como arrumar uma carteira quebrada, trocar uma lâmpada queimada, retocar uma pintura, fazer limpeza em alguma parte da casa, levar e buscar cartas no correio, comprar combustível para máquinas e outras pequenas atividades manuais que estavam ao seu alcance.

Me. Rodolfo ficou em Sangradouro até final de 1978, quando foi transferido para Chácara São Vicente em Campo Grande. Um ano depois, 1980, retornou para Sangradouro, ficando dez anos ali e, em 1998, novamente para Campo Grande, Chácara São Vicente. Em 2003, foi para o Colégio Santa Teresa em Corumbá, onde ficou até 2008, sendo transferido posteriormente para a Casa Inspetorial, em Campo Grande, para tratamento de saúde.

Construindo uma retrospectiva sobre sua passagem pelas comunidades, fica evidente que Me. Rodolfo identificou-se mais com as missões de Meruri e Sangradouro, onde passou o maior período de sua vida salesiana. Na vivência com os povos Bororo e Xavante, Me. Rodolfo desenvolveu um entendimento empático com esses povos, elaborou uma linguagem própria através dos quadros que pintava para traduzir sua visão e seu amor pelos indígenas. Certamente não foi fácil para ele entrar na nova dinâmica de inculturação e acompanhar as reflexões novas sobre antropologia, evangelização e as mudanças pelas quais passaram as missões no período em que aí viveu, junto com outros irmãos salesianos. Porém, na sua simplicidade, soube oferecer o melhor de si para os outros e ser fiel à sua vocação salesiana missionária.

Seu modo de se relacionar

Me. Rodolfo era sensível, de coração muito bom, desconfiado, mas fiel ao seu círculo de amigos. Tinha um cuidado especial para não ofender com palavras. Apesar da fisionomia séria, era sensível e atento às pessoas. Tinha uma memória muito boa e, depois de anos, recordava algo que alguém fizera de bom ou de ruim para ele. “Quando dizíamos alguma coisa, às vezes, sem querer, que o

deixava triste, depois de meses recordava o que havíamos dito para ele”, atesta Pe. José Winkler.

Me. Rodolfo era uma figura cativante. Homem com olhar desconfiado, gênio exigente, ritmo metódico (a seu jeito!) e sorriso de ar infantil. De acordo com o Pe. Arlindo Pereira, Me. Rodolfo não deixava ninguém entrar no quarto dele, nem o diretor nem a senhora que fazia limpeza nos quartos. Era o seu estilo de viver, sua maneira austera de manter a privacidade.

Sua característica mais evidente era ser amigo de quem o aceitava e lhe tratava com sinceridade. Pe. Miguel Paes, que conviveu com Me. Rodolfo e o conheceu muito bem, testemunha esta fidelidade e simplicidade em seus relacionamentos. “Ele tinha amizades restritas, mas verdadeiras. Certa vez, eu havia saído de Sangradouro e estava trabalhando em Araçatuba. Escrevi convidando-o a vir em férias passar uns dias conosco. Ele escreveu dizendo estar muito contente por ter sido convidado a vir passear. Era a primeira vez que alguém se lembrava dele não para trabalhar, mas como amigo!” De outra feita disse-me: “Eu gosto de você porque não fica ‘rindo’ de mim, mas sabe sorrir para mim”.

Me. Rodolfo tinha uma maneira toda especial de cultivar amigos. Quando encontrava com um salesiano, rapidamente se identificava quem era amigo dele pela conversa, pelo trato, pelas brincadeiras. Tinha fama de possuir manias jocosas e típicas, como a popular caderneta de anotação, “sui generis”, porque marcada com alguns símbolos onde minuciosamente escrevia o nome da pessoa, o local onde a havia encontrado e a data do encontro.

Ir. Raffael Lochi diz que o Me. Rodolfo tinha todo um ritual no trato e no contato com os amigos. “Quando alguém lhe fazia um favor, um benefício, entrava no rol restrito dos “Amigos”. A estes enviava cartões de Natal, aniversário e outras circunstâncias. Enviava com muita antecipação, mas avisava ‘abrir somente no dia ...’. Se estas correspondências não tinham resposta pelos Correios, a ‘amizade’ perdia pontos e era cortada a correspondência com este ‘Amigo’. Quem era ‘Amigo’ podia conversar com ele, mas, se perdia esta posição, também perdia esse direito. E bastava fazer ou falar alguma coisa da qual ele não gostava para ser cortado do rol dos ‘Amigos’. Assim era Me. Rodolfo: simples, metódico, teutônico”.

Pe. Orozimbo de Paula, que conheceu o Me. Rodolfo ainda quando era aspirante, fala de alguns detalhes que refletem a simplicidade e a capacidade de se alegrar com pequenas coisas do

cotidiano. “Conheci o Me. Rodolfo na Chácara. Só viemos a morar na mesma comunidade quando retornei à Chácara e participei da formação dos aspirantes de 2001 a 2003. Gostava muito de usar em suas camisas pequenos brasões bordados, lembrando algo significativo para ele, como emblemas da Alemanha, bandeira do Brasil, imagem de Nossa Senhora Aparecida, entre outros. Tinha uma sensibilidade muito grande para com os aspirantes mais simples e gostava de dar pequenos presentes, coisas pequenas, como também gostava de receber presentes. Lembro-me de um quadro de Nossa Senhora Aparecida que ele pintou para um assistente. Era assim: ele escrevia uma carta, mandava a carta toda enfeitada, com alguns santinhos, tudo bem feito, com muito carinho, mas se você não respondesse à carta ele ficava magoado, já não queria mais conversa, dizia que você não era amigo dele. Ele tinha uma coleção de fitas cassete sobre a comunidade de Lucélia onde morou por um tempo, ali narrava a vida da comunidade e dos aspirantes, uma narração vibrante, cheia de vida, contagiante. Para ser amigo de Me. Rodolfo você tinha que vencer as primeiras barreiras, ser insistente e não deixá-lo em momento algum em segundo plano. Tinha um coração muito grande”.

O seu modo de fazer apostolado era através da pintura, de sua presença no pátio, de seu trabalho em arrumar o que era preciso, de fazer amizades e estar na comunidade. Me. Rodolfo gostava de estar no meio dos meninos no recreio. Em Araçatuba, criou um tipo de jogo em uma tabuleta e jogava com eles. Para os amigos dele, fazia questão de elaborar um cartão especial com cores e dizeres diretamente para a pessoa. “Ele associava o dar e receber as coisas à amizade. Precisava de confirmação do bem querer através de um símbolo, de um presente, de um cartão, de uma caixa de ferramentas”, diz Me. Luiz Wurstle.

Me. Rodolfo sabia enfrentar situações com serenidade e às vezes humor. Em outubro de 1960, antes de partir para o Brasil como missionário, recebeu em Turim, juntamente com o Pe. José Marinoni e Pe. Frederico Heimler, hoje bispo, o crucifixo de missionário. Na longa viagem de navio para o Brasil que realizaram juntos, em uma das paradas que fizeram, a certo momento todos os tripulantes foram reunidos e seus nomes conferidos. A direção do navio notou, então, com preocupação que faltava um tripulante. Chamou pelo nome Rodolfo Neutzner. Um silêncio pairou no ar. Onde estaria esse tripulante? Chamaram novamente por Rodolfo. Como não apareceu ninguém, foi iniciada uma busca imediata em todos os ambientes do navio. Depois de alguns minutos, Rodolfo foi encontrado na cabine do

navio, sozinho e tranquilo. Era assim seu estilo. Gostava de se isolar de tudo e de todos, mas sabia usar seu humor para enfrentar as situações mais difíceis.

Me. Rodolfo se sentia aceito na Inspetoria. Tinha vários amigos e sabia manter essas amizades. Tinha seus recalques, mas era uma pessoa honesta e sincera. Era desconfiado sim. Às vezes, ficava bravo com alguém, mas depois de cinco minutos perdoava e voltava a ser amigo. E nunca deixou de lado a honestidade no sentir e expressar quem continuaria sendo seu amigo ou não. Talvez movido pelo seu espírito de artista e sua ligação com a natureza nas missões, gostava muito dos animais. Tinha por eles uma amizade tão grande que sempre colocava um em seu quarto. Ele tinha sempre um bicho no quarto. Em Sangradouro tinha uma pequena cutia. Tratava-a com muito carinho. Um dia, disse que a cutia gostava mais dos Xavante do que dele e se desfez da pequena cutia imediatamente. Gostava de um jabuti. No Santa Teresa, tinha um pequeno rato. Era seu modo de se distrair, descontraír e expressar seu afeto.

Como religioso era obediente, diz Pe. José Winkler. “Preferia as missões, mas obedecia quando tínhamos que pedir para ir para outras casas”. Nas suas meditações na capela, Me. Rodolfo tinha um caderno com anotações que fez durante o período de noviciado. Parecia encontrar-se entre suas próprias coisas. Me. Rodolfo era sempre pontual nos compromissos comunitários, quer no refeitório, quer nas orações.

Vida artística.

A pintura era a paixão do Me. Rodolfo. No Colégio Dom Bosco, o Pe. Pedro Melesi comprou pincéis, tintas e fez uma pequena oficina para ele. Ele amava pintar. Fez vários quadros e, através deles, expressava seus sentimentos profundos. “Tive em Sangradouro a satisfação de conviver com o Me. Rodolfo. Era um irmão muito emotivo, sentimental, características próprias do artista de marca maior que era. Detalhista, observador, gostava de cores vivas, vibrantes em suas pinturas. Tinha uma delicadeza muito grande com os índios, um verdadeiro sentido de amizade. Eles eram sua satisfação. A morte de Camilo, por acidente, um jovem humilde, dedicado e trabalhador, tocou Me. Rodolfo profundamente. Ele desenhou o seu rosto sorridente, em grande formato, na parede do corredor interno da casa dos salesianos para que sua presença continuasse forte por muitos

anos, como um anjo no meio de nós”, contou Pe. Osvaldo Scotti.

Ele tinha sempre um ajudante indígena quando fazia suas pinturas. Pintou vários quadros. Na oficina de Me. Luiz Wurstle, em Coxipó, MT, há um quadro pequeno retratando um jovem indígena sentado em um trator. Embaixo escreveu: “Para o Me. Luiz lembrar-se de Sangradouro”. Em Sangradouro, numa parede lateral da Igreja, pintou seu quadro mais conhecido: Cristo na Cruz amparado por um jovem wapté Xavante. Uma possível leitura do quadro entende que o jovem retira Jesus da Cruz, no universo da Missão.

Me. Rodolfo escolheu a pintura como uma linguagem, um instrumento de comunicação. Foi autor de várias pinturas em Meruri, Sangradouro, entre outras que pintou para amigos. Associar a arte da pintura à sua personalidade é uma chave para compreendermos sua personalidade e sua riqueza interior. Via a pintura como fonte de transformação, um modo de interpretação do mundo ao seu redor. Através da pintura acontece a transformação da mente e do coração de tal forma que a experiência de pintar leve ao amor divino. “Queria expressar que Deus se preocupava com os índios, por isso pintou vários quadros dedicados aos índios” atesta Pe. José Winkler.

Numa interpretação simples, partindo da afirmação de que a arte revela o artista, a pintura do Cristo na cruz amparado por um jovem indígena pode representar sua simples cristologia, seu modo de ver a relação do Filho de Deus com os homens. A proximidade entre o indígena e Jesus revela uma intimidade simples e natural, despojada e amorosa. Ao estender seus braços para segurar nas mãos do jovem indígena, vemos a expressão da proximidade e comunhão de Jesus com o jovem. Jesus torna-se Um como ele, vai ao nível do indígena, encarna na sua realidade, abraça sua história e sua cultura. Do ponto de vista do indígena, este estende as mãos a Jesus num gesto de compaixão, de solidariedade, de ajuda amorosa de quem se coloca para amparar e consolar. Nessa relação, o humano aproxima-se do divino, porque o divino entrega-se à ajuda, deixa-se amar. Nessa relação de colaboração amorosa, nasce a verdadeira e profunda amizade, a fidelidade generosa de quem carrega a cruz em união para realizar uma missão em nome da fé.

Essa possível cristologia presente no quadro de Me. Rodolfo revela sua percepção de artista. Através da pintura, reconcilia seu coração com o ato de pintar a vida e o amor. Na iniciativa de pintar a expressividade generosa da vida, mostra como artista sua liberdade

interior. Na coragem de colocar para fora uma inspiração e registrá-la através da tinta e dos pincéis e das leis da pintura, expressa sua disciplina interior. Na liberdade de colocar em um quadro sua visão de Jesus Cristo e um personagem indígena, expressa seu modo de evangelizar e de aculturar-se em uma realidade.

Para o Me. Rodolfo, a arte foi parte inseparável e integrante de sua vida. O ato criador conduzia-o ao silêncio e o silêncio à criação. Nessa relação silêncio e beleza, habitava a experiência de Deus. A arte inspirava e construía seu jeito de rezar e de ser, por isso Me. Rodolfo gostava de presentear os amigos com cartões que desenhava ou quadros que pintava. O belo está profundamente vinculado com o bom. O cartão bonito para o amigo bom. Nesse sentido, o rosto sério de um homem com atitudes rígidas escondia um artista capaz de expressar a leveza e a grandeza da vida. O drama e as atrocidades que viveu na Guerra, na Alemanha, apontam para uma busca de, pela arte, reconstruir o seu próprio mundo. Onde a guerra destruíu a vida e o futuro, a arte dava sentido à existência e reconstruía o futuro. Onde a guerra deixava cenários de morte e destruição, a arte revitalizava o amor pela vida e abria lugar para possibilidades de amizade e alegria. Talvez Me. Rodolfo, até o final de sua vida, tenha vivido o paradoxo do drama e da graça de ser artista. Soube trazer para a vida salesiana, sobretudo através de seu amor a Dom Bosco e de sua presença missionária, as cores da alegria e da simplicidade do espírito salesiano.

Na porta do quarto do Me. Rodolfo há ainda um adesivo com uma frase tirada da Carta de São Paulo aos Romanos "Se Deus é por nós quem será contra nós?" (8:31). Que a vida e a fidelidade desse nosso irmão missionário da nossa inspetoria sejam para todos nós exemplo para continuarmos perseverantes na nossa vocação e fiéis a Dom Bosco e aos jovens.

Pe. Gildásio Mendes

Corumbá, 24 de maio 2012.

Dados para o Necrológio

Rudolfo Neutzner

★ Nasceu em Mähr-Rothwasser, Alemanha em 28.02.1931

† Faleceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil, em 08.02.2009

Com 77 anos de idade

49 anos de vida religiosa